



## MIGUILIM: A CRIANÇA SOFRE – CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO DE SENSIBILIDADE

### *MIGUILIM: THE SUFFERING CHILD - CONTRIBUTIONS TO A SENSIBLE EDUCATION*

ELNI ELISA WILLMS<sup>1</sup>

*elnielisaw@gmail.com*

#### RESUMO

O texto, um dos capítulos da minha tese de doutorado (WILLMS, 2013), trata do sofrimento da criança a partir da novela Campo Geral, de Guimarães Rosa (2010). O personagem principal é Miguilim, um menino que tem “alma de poeta” e por isso pode nos despertar para a importância de se respeitar a criança, seus movimentos, sentimentos, dúvidas e dores. Além do sofrimento, o texto apresenta o brincar da criança do sertão, ou seja, da criança universal. O texto apresenta-se como uma educação de sensibilidade ou como um convite para oxigenar as políticas públicas que pretendem massificar a criança.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa • Brincar • Educação de sensibilidade.

#### ABSTRACT

The text, one of the chapters of my doctoral thesis (WILLMS, 2013), deals with the child suffering from the “Campo Geral” novel of Guimarães Rosa (2010). The main character is a boy, Miguilim, who has “poet’s soul” and so can awaken us to the importance of respecting the child, his movements, feelings, doubts and pain. Besides the suffering, the text presents the play of backland child, that is, the universal child. The text presents itself with an education of sensibility or as an invitation to oxygenate the public politic that aims to popularize the child.

**Key words:** Guimarães Rosa • Play • Education of sensibility.

1 Professora do Curso de Pedagogia da UFMT - Campus Universitário de Rondonópolis – MT. Doutorado em Educação (2013) pela Feusp. Vinculada ao Grupo de Pesquisa GEIFEC – Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura – FEUSP. Disponível para pesquisas sobre o brincar, saberes e práticas de educação ancestral



## INTRODUÇÃO

Este tempo de zero a sete anos é o período que vai construir o homem harmonioso, adequado, que se conhece, com raiva, o ódio, a alegria, a tristeza, a doença. [...] E como eles podem se manifestar [medos/preocupações]? Através do pavor noturno, dos medos ou de atitudes que eles presenciavam e são reais, mesmo que a mãe diga que não foi real [...]. Os adultos subestimam a inteligência e a intuição da criança, e a mentira e a falsidade vigoram por falta de coragem de transmitir a coisa simples e correta. [...]

Os rituais de passagem e luto devem ser vividos com as crianças para que elas aprendam a valorizar e respeitar o ciclo da vida. (PAGANI, 2010, p. 59-50).

O Dito dizia que o certo era a gente estar brabo de alegre, alegre por dentro, mesmo com tudo de ruim que acontecesse, alegre nas profundas. Podia? Alegre era a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma. (ROSA, 2010, p. 151)

Este texto, um dos capítulos de minha tese de doutorado (WILLMS, 2013), pretende tratar do sofrimento da criança. Um convite para realizar uma poética pública, ou seja, arejar as políticas públicas com outras percepções. Apoiar-se nesta exclamação de Bachelard (1996, p. 159): "Ajudados pelo poeta, como que despertamos dos sonos da indiferença!". Quem sabe essas poéticas da criança que sofre possa contribuir para uma formação mais humana dos professores? O texto trata da iniciação das crianças pelos adultos, então vou comentar "miudinho" a novela *Campo Geral* (ROSA, 2010), que está no livro *Corpo de Baile*, Vol. 1.

A literatura, como potência, pode despertar e iniciar os adultos ao rerepresentar devaneios, sonhos, dores e alegrias do vivido. Com o duplo sentido da palavra consentimento, ou seja, com sentimento e

com permissão do leitor: com emoção e aceitação do convite, a literatura pode alimentar a coragem para transmutar algo. É um chamamento para pensar sobre a criança – que não tem existência "miudinha" – e seu processo de iniciação pelos adultos. Quem sabe possa acordar a nossa indiferença, mesmo que devagarinho, para reaprender a importância de se respeitar a criança: a alegria, a coragem e o amor nascentes.

## MIGUILIM, UMA CRIANÇA QUE SOFRE...

A novela *Campo Geral*<sup>1</sup> é narrada em terceira pessoa. Na primeira página lê-se: "Em ponto remoto", "distante de qualquer parte", "aturdidas lembranças". Conta a estória de Miguilim, uma criança pobre entre sete e oito anos e é narrada de dentro da alma desse menino que "insofria"<sup>2</sup>, "pouco entendendo" o mundo cheio de contradições que o rodeava. Tinha medo de escuro, de ficar doente, de andar sozinho pelas matas, das almas e do lobishomem (ROSA, 2010, p. 87), de cobra e de morrer (ROSA, 2010, p. 126). Para espantar o medo rezava, rezava, rezava (ROSA, 2010, p. 93).

Um fato: Miguilim não enxergava bem, "o olhar dele não dava" (ROSA, 2010, p. 80). Era míope. Sofria violências corporais por parte do pai que o espancava e o botava de castigo sentado num tamborete (ROSA, 2010, p. 24- 25), à vista de todos, sem poder sair para brincar. Também sofria violência simbólica: Vó Izidra ralhava duro: "Tu tem é sem-vergonhice, falta de couro! Menino atentado!". (ROSA, 2010, p. 50); O pai "gritava pito" (ROSA, 2010, p. 58) e o desqualificava "Menino diabo, demonim!" (ROSA, 2010, p. 83). O que sentia Miguilim com esses tratamentos? "Dava



vergonha no coração da gente, o que o pai assim falava” (ROSA, 2010, p. 60), “porque a alma dele temia gritos” (ROSA, 2010, p. 63). “Pai tinha raiva com ele, mas Pai não prestava” (ROSA, 2010, p. 136). Guimarães Rosa de maneira muito forte e sutil denuncia: essas atitudes adultas de rudes palavras eram uma forma de matar aos poucos toda alegria, coragem e amor nascentes. Por isso “era bom para a gente, quando Pai não estava em casa” (ROSA, 2010, p. 99).

Contudo, Miguilim era uma criança muito querida. Amigo do Tio Terez, um dos poucos adultos que conversavam com ele, além da Rosa e da Mãitina. Amoroso com os animais domésticos – vários cachorros, um papagaio, o gato Sossõe – e também lamentava que os animais do mato fossem caçados – tatu, onça, veado. Conhecia muitos passarinhos dos quais sabia nomes e hábitos, tendo, entretanto, alguns presos em arapucas; apreciava as plantas, tinha uma relação muito forte com a mãe: “Miguilim era o retrato da mãe” (ROSA, 2010, p. 19). Gostava demais do irmão Dito, que “era menor mas sabia o sério, pensava ligeiro as coisas” (ROSA, 2010, p. 22), “e sabia em adiantado as coisas, com uma certeza, descarecia de perguntar” (ROSA, 2010, p. 94).

Miguilim é um menino que vive imaginando e inventando estórias, vive de “poetagem” (ROSA, 2001 a, p. 51 e 75), talvez para respirar alegrias fora do ambiente áspero onde vive:

E porque era míope Miguilim não vivia bem identificado com o mundo da realidade, senão com o mundo do mito. Sua sensibilidade não reagia jamais sob o efeito de uma visão diáfana das coisas, mas da magia das coisas; jamais da certeza como as coisas fossem, mas da imaginação do que elas poderiam ser (MONTENEGRO, 1983, p. 279-280).

“Miguilim perguntava demais da conta” (ROSA, 2001 a, p.107): “que coisa é a gente ficar hético? O que é flauta? (ROSA, 2001 a, p.54) O que é circo? Que que é o mar?” (ROSA, 2001 a, p.85). Pergunta o que não conhece, mas ouve falar, o que não compreende, porém os adultos nunca tinham tempo, se mostravam com raiva, sem paciência e ralhando: “Menino, deixa de ser especúla” (ROSA, 2001 a, p. 30). “Miguilim desentendia de tudo” (ROSA, 2001 a, p. 116). Muitas vezes brincava sozinho, se escondia na tulha e ficava observando as abelhas “chupando no caixão de açúcar, muito tempo, o açúcar melmela” (ROSA, 2001 a, p. 41). Um dia pergunta para Dito se seria bobo de verdade, mas o irmão responde: “É não, Miguilim, de jeito nenhum! Isso mesmo que não é. Você tem juízo por outros lados” (ROSA, 2001 a, p. 80). Por todo esse contorno que Guimarães Rosa vai desentranhando dessa criança, pode-se afirmar que Miguilim traz em si uma alma sensível e criativa, portanto de poeta:

Se observarmos o comportamento de Miguilim em diferentes enjgos, seu psiquismo, intuições e reações, experiências afetivas, reflexões mentais, problemas morais, deslumbramento diante da natureza, apreensiva sensibilidade, fascinação pelas sete cores, desejo de compreender e ser compreendido, pudor no sofrimento, faculdade de contenção, fantasias despautadas, chegamos à conclusão tranquila de que se trata de um menino poeta (LISBOA, 1983, p. 175).

Tristeza maior de Miguilim foi quando morreu seu querido irmão, o Dito, que por um longo tempo ficou acamado: pisara num caco de vidro sujo, delirou de febre e de nada adiantaram as rezas, benzimentos e emplastos da Vó Izidra. Ao velório compareceram todos os vizinhos, mas para Miguilim: “todos os dias que depois vieram, eram tempos de doer” (ROSA, 2001 a, p.



121). Um momento forte na narrativa que assinala mudanças. Passa a ter raiva: “la para o paiol, e chorava, chorava” (ROSA, 2001 a, p. 123). Um dia ele e Mãitina, num ritual, “escondido, escolheram um recanto, debaixo do jenipapeiro, ali abriram um buraco, cova pequena. De em de, camisinha e calça do Dito furtaram, para enterrar, com brinquedos dele” (ROSA, 2001 a, p. 124).

Mas o pai, insensível a todo sofrimento de Miguilim, esbravejava:

Diacho, de menino, carece de trabalhar, fazer alguma coisa, é disso que carece! – o Pai falava, que redobrava: xingando e nem olhando Miguilim. Mãe o defendia, vagarosa, dizia que ele tinha muito sentimento. – “Uma póia!” – o Pai desabusava mais. – “O que ele quer é sempre ser mais do que nós, é um menino que despreza os outros e se dá muitos penachos. Mais bem que já tem prazo para ajudar em coisa que sirva, e calejar os dedos, endurecer casco na sola dos pés, engrossar esse corpo!” Devagarzinho assim, só suspiro, Mãe calava a boca. E Vovó Izidra secundava, porque achava que, ele Miguilim solto em si, ainda podia ficar prejudicado da mente do juízo. Daí por diante, não deixavam o Miguilim parar quieto. Tinha de ir debulhar milho no paiol, capinar canteiro de horta, buscar cavalo no pasto, tirar cisco nas grades de madeira do rego. Mas Miguilim queria trabalhar, mesmo. O que ele tinha pensado, agora, era que devia copiar de ser igual como o Dito (ROSA, 2001 a, p. 126).

“Pai encabou uma enxada pequena” (ROSA, 2001 a, p. 127) e então Miguilim passou a trabalhar na roça, porém “estirava uma raiva quieta de todos”. Tinha que capinar no eito do sol quente, cumpria calado o desgosto e no final os pés descalços sobravam cheios de espinhos. Miguilim sofria – Criança sofre. Perdeu “mesmo o gosto e o fácil poder de inventar estórias” (ROSA, 2001 a, p. 132), tornou-se duro, calado: o sofrimento fez nascer a raiva. Ainda assim fazia promessas, num desespero de

sair dos apertos, desse sentimento ruim que o pai tinha para com ele: “Por conta de Pai não gostar dele, ter tanto ódio dele, aquilo que nem não estava certo” (ROSA, 2001 a, p. 134).

Um dia Liovaldo – mano mais velho que não morava no mesmo núcleo familiar, mas estava ali a passeio, um menino malino “que é o pior, maldoso!” (ROSA, 2001 a, p.136) – provocou uma briga com Grivo, um menino morador do lugar, por pura vontade de machucá-lo. Quem sabe sentindo na pele o abuso que Grivo sofria, a mesma violência que fazia Miguilim padecer, revolta-se, sente ódio, e, mesmo sendo menor, investe e derruba Liovaldo, esfrega-o na terra, esmurra, bate e morde de todo jeito e mais parecia o demo (ROSA, 2001 a, p. 135).

Era um domingo. Pai estava em casa. Veio correndo:

Pegou o Miguilim, e o levou para casa, debaixo de pancadas. Levou para o alpendre. Bateu de mão, depois resolveu: tirou a roupa toda de Miguilim e começou a bater com a correia da cintura. Batia e xingava, mordida a ponta da língua, enrolada, se comprazia. Batia tanto, que Mãe, Drelina e a Chica, a Rosa, Tomezinho, e até Vovó Izidra, pediam que não desse mais, que já chegava. Batia. Batia, mas Miguilim não chorava. Não chorava, porque estava com um pensamento: quando ele crescesse, matava Pai. Estava pensando de que jeito era que ia matar Pai, e então começou até rir. Aí, Pai esbarrou de bater, espantado: como tinha batido na cabeça também, pensou que Miguilim podia estar ficando doido. – Raio de menino indicado, cachorro ruim! (ROSA, 2001 a, p. 136)

Só quem viveu consegue sentir mais profunda dor...

O que me faz reapresentar com tanta minúcia toda essa violência do bicho homem cometida contra a criança Miguilim,



personagens universais, é o fato de que tudo isso ainda acontece e não é “Em ponto remoto”, nem “distante de qualquer parte”. Quando é que se vai romper esse círculo vicioso de violentar a criança para inaugurar um círculo virtuoso de respeito para com ela?

Como Miguilim conversou com meus vivos

Lendo e relendo a história de Miguilim encontrei imagens distorcidas de Mãe e Pai que me habitavam e gritaram em mim secularmente. Gritaram como Mães e Pais que gritam com seus filhos as mais ignóbeis palavras que esbarram e calam *pe-soas* em iniciação. Assim como algumas professoras e professores, num círculo vicioso, seguem despejando sobre filhos e estudantes as amarguras de suas vidas mal vividas.

Ouço-as nas dores e lembranças: ruídos, estampidos, pancadas, impaciências, chineladas, tapas, beliscões, empurrões, puxões de orelha e de cabelo, varadas, gritos, muitos gritos, xingamentos<sup>4</sup>, olhares rai-vosos, berros ensandecidos confessavam desesperos de Pai e Mãe diante dos impossíveis que se apresentavam às suas vidas. Ouvi Mães da janela de meu quarto. Nalgumas casas bem familiares. Li nos relatos de alunas de estágio atitudes semelhantes – até piores! – das Professoras. Ouvi Pais e Mães que sentando à mesa para saborear o almoço aproveitavam para cruelmente castigar e temperar os filhos com o fel e o sal de tantas arrogâncias e raivas e culpas e angústias de suas vidas, ressentimentos criados, herdados e não superados geração após geração. Como? Faço tentativas de comer, mas não consigo engolir. À mesa leio que com raiva rega-se tenras crianças com a água salgada e podre da amargura.

É assim que ao abrigo e na intimidade de supostos lares criam-se muitos seres rai-vosos e violentos<sup>5</sup>. Quase não como e saio: “Era uma sinceridade muito dificultosa. Escrevi metade” (ROSA, 1986, p. 432). Busco um círculo virtuoso e o encontro quando ouço Therezita dizer com veemência: “A criança tem que ser bem cuidada!!! Por vocês pais!!!”

Somente silêncios do tempo para tantas “aturdidas lembranças”. Encontro Miguilim Simplisim Micuim... Um tanto de mim. De ti? Percebo-o como uma representação gigantesca de que a criança sofre. A infância não é apenas um período idílico. É preciso repetir: A criança sofre e muito! Tem angústia, chora, busca amparo, alguma pessoa que a escute e acolha e que dialogue de verdade, que lhe responda alguns por quês. Que respeite seus momentos de solidão, recolhimento e dúvidas. Como nós adultos também! Como observei na Te-Arte: lá a criança pode chorar. No documentário *Sementes do nosso quintal*<sup>6</sup>, que retrata o cotidiano da Te-Arte, em muitos momentos se vê crianças chorando. Podem chorar. É preciso que a criança tenha esse direito respeitado. Choram porque a mãe ou o pai não dormiram em casa, pois ficaram cuidando do avô hospitalizado; choram porque sentem medo da separação no momento em que os pais as deixam na Te-Arte; choram porque sentem ou experimentam algum conflito, porque têm dor e sentem tristeza, porque perderam um brinquedo numa disputa, porque nasceu irmão mais novo, por birra, enfim: choram porque crescer dói. A vida tem muitas coisas incompreensíveis! Dá medo! Tanto para a criança como para o adulto.

A criança sente as mazelas humanas, tanto quanto o adulto. Preocupa-se e às vezes não consegue “ler” a realidade,



simbolizada pela miopia de Miguilim. Indaga, quer saber para melhor se compreender nesse mundo do adulto que lhe é apresentado tão cheio de desafios, conflitos e ambiguidades. No caso da novela, Miguilim enxerga e sente – embora nada fique claramente expresso, conquanto os vestígios ao longo do texto deixem a entender – que Tio Terez teria um caso com a mãe, que, por sua vez, também flertaria com outro homem do lugar. Aliás, essa forma de não deixar bem claro os relacionamentos ilícitos da mãe revela-se como a forma da criança pressentir e intuir o ambiente e/ou acontecimentos, meio no claro-escuro, sem certeza nenhuma. Por isso pergunta ou especula. Miguilim sente (lê) que vó Izidra não gosta de Mãe, que seu irmão mais velho é maldoso, que Pai nutre raiwa por Miguilim, mas também reconhece amorosidade em Dito, Mãitina, Rosa e Vaqueiro Salúz. Guimarães Rosa mostra com força poética que a criança lê o adulto, lê o mundo e o coração das pessoas, embora os adultos nem sempre dialoguem com ela verdadeiramente.

Todos os personagens da novela têm nome<sup>7</sup>, até o gato e os vários cachorros, o papagaio, cavalos e vacas, vários moradores do lugar e do entorno. Pai e Mãe<sup>8</sup> são referidos dessa forma ao longo da narrativa, uma vez que é feita sob o ponto de vista da criança, quase como se Guimarães Rosa quisesse expressar pela grafia anônima a universalidade dessas atitudes grosseiras, conflituosas e ambíguas de Pais e Mães.

### A novela segue

Miguilim vai passar alguns dias na casa do vaqueiro Salúz, um homem solidário que o respeitava. Foi bem tratado na casa humilde desse homem, desprezou saudade de casa e decidiu que ia ser forte, que não ia mais gostar dos parentes todos. Quando

retornou o pai ainda diz: “O que é que esse menino xixilado está pensando?” (ROSA, 2001 a, p. 141), porque Miguilim não pediu bênção. Manteve-se firme, afrontou o pai que não bateu nele. Pai reagiu com outro ato violento: saiu para o quintal, soltou passarinhos, pisou em cima e quebrou todas as gaiolas de Miguilim (ROSA, 2001 a, p. 141). Qual a reação do menino? Foi para o fundo da horta e quebrou brinquedos, rebentou, sentou o pé – a mesma violência que sofria e sentia explodia contra as coisas que mais amava: seus brinquedos. “E então foi para o paiol. Queria ter mais raiwa” (ROSA, 2001 a, p.142”).

Seguem muitos eventos: Miguilim adoecce; “Pai matou Luisaltino” (ROSA, 2001 a, p. 147), o Pai “se enforcou com um cipó” (ROSA, 2001 a, p. 148) e todos esses acontecimentos fatais como que prepararam recomeços para Miguilim. Tio Terez voltou a morar com eles, chega o Doutor que percebe que ele é míope e se oferece para levá-lo embora para a cidade. A narrativa que começa com Miguilim voltando de uma viagem onde fora ser crismado, termina com ele seguindo viagem para outra vida. Travessias.

A narrativa deste sofrimento de criança se faz iniciação em mim. De maneira que nem sempre consigo compreender, atraio os semelhantes para me expressar, para, através da literatura e do sofrimento de Miguilim, dizer do meu sofrimento – como adulta no olho perdido; enquanto infante o medo de passar em determinado lugar, das surras que levei e do pavor de certos animais – para, através do arquétipo da criança que sofre, me iniciar por meio do arquétipo da felicidade simples, que afasta, que faz esquecer e que sublima o sofrimento. A criança é também arquétipo da felicidade simples que se traduz como “uma simpatia



de abertura para a vida” diz Bachelard (1996, p. 96), pois “Uma infância potencial habita em nós” (BACHELARD, 1996, p. 95) e pode aprender a olhar para tudo “com singeleza de admiração” (ROSA, 2001 a, p.181). Então Miguilim, como símbolo universal de uma criança que sofre – como representação da criança que sofreu e sofre em nós –, tem que atrair imagens felizes para reanimar os pesares e as experiências de sofrimento.

### De que brincam as crianças em *Campo Geral*?

Então, voltando ao começo da novela, retiro da narrativa de que Miguilim e as outras crianças brincavam. Na dureza, pobreza e dor – na mistura delas – é Guimarães Rosa (1986, p. 368) quem afirma:

“Somente com alegria é que a gente realiza bem – mesmo as tristes ações”. Nessa mescla de tristeza com alegria as crianças de Rosa são “uma curiosa estirpe de personagens, preludiada por Miguilim e Dito e à qual pertencem infantes de extrema perspicácia e aguda sensibilidade, muitas vezes dotados de poderes extraordinários” (NUNES, 1983, p. 157). Assim, no entremear de brutalidades de Pai para com Mãe (ROSA, 2010, p. 22-23), doenças, dúvidas e angústias, mortes e traições, Rosa nos apresentou crianças e um brincar bem pé no chão, bem brasileiro e por isso também universal.

As crianças de *Campo Geral* brincam de dia e de noite, na terra e com as coisas da terra, com animais, na água e nas árvores. Em muito se parece com as pesquisas sobre



Foto 1 “A alegria de Miguilim era a súz” (ROSA, 2010, p. 72)

Fonte: Acervo da autora.



o brincar da documentarista Renata Meirelles<sup>9</sup> em vários estados brasileiros (AP, AM, ES, BA, PA, RR, TO, MT, CE) e também em sua dissertação de mestrado (CARVALHO, 2007). Miguilim gostava de se esconder atrás da horta e brincar sozinho (ROSA, 2001 a, p. 20), mas havia uma cachorra, a Pingo-de-Ouro, pertencida de ninguém, que gostava de ficar perto, quieta, parecendo que compreendia essa necessidade que a criança tem de isolamento:

Essas solidões primeiras, essas solidões de criança, deixam em certas almas marcas indelévels. [...] A infância conhece a infelicidade pelos homens. Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz [...]. Quando sonhava em sua solidão, a criança conhecia uma existência sem limites (BACHELARD, 1996, p. 94).

Miguilim divertia-se observando o filhinho da cadela brincando na terra, virando cambalhotas, virando de costas e sentando-se para se sacudir, lambendo a cara da mãe, corria, voltava, latia, enfim como brinca um cachorrinho novo. Miguilim gostava demais dessa cachorra, porém, Pai indiferente ao sentimento do menino a deu para uns tropeiros: “Miguilim chorou de braços, cumpriu tristeza, soluçou muitas vezes” (ROSA, 2001 a, p. 21).

De castigo, sentado no tamborete, Miguilim recordava do que observava quando estava sozinho atrás da horta: formiguinhas andando, os caramujinhos nas folhas e deixando rastrão branco que brilhava (ROSA, 2001 a, p. 25), parecendo afagar a intuição de Bachelard (1996, p. 97): “A criança enxerga grande, a criança enxerga belo”. Tinha a irmãzinha, a Chica, que “botava todos para rodar de roda, ela cantava tirando completas cantigas, dansava<sup>10</sup> mocinha” (ROSA, 2001 a, p. 27).

“Tomezinho e o Dito corriam no pátio, cada um com uma vara de pau, eram cavalinhos que tinham até mesmo nomes dados” e também brincavam de pegador (ROSA, 2001 a, p. 55), de subir em árvore para pegar frutinhas (ROSA, 2001 a, p. 58), sendo que quem inventava de brincar “subia mais primeiro” (ROSA, 2001 a p. 106). Faziam carrinhos de boi e bois com sabugo (ROSA, 2001 a, p. 61) de cores diferentes, tostados no fogo pela Rosa. Também espionavam ninho de passarinho (ROSA, 2001 a, p. 62), jogavam peteca a toa (ROSA, 2001 a, p. 83) e brincavam de montar nos bezerros. “Tomezinho assanhava as sombras no nu da parede” (ROSA, 2001 a, p. 85) e nas noites mais escuras brincavam de caçar “*mija-fogo*”: “e as linhas que riscavam, o comprido, naquele uauá<sup>11</sup> verde, luzlino [...] chamavam: – “*Vagalume, lume, lume!*” (ROSA, 2001 a, p. 85).

As crianças diziam versinho para o “dentinho de diante” que caía: “*Mourão, Mourão, toma este dente mau, me dá um dente são!*” (ROSA, 2001 a, p. 96). Acompanhavam com alegria a preparação do presépio pela vó Izidra (ROSA, 2001 a, p. 99 e 112). A Chica brincava de batizar bonecas para os meninos serem padrinhos. Ouviam histórias que os adultos contavam (ROSA, 2001 a, p. 100); brincavam de pescar num riachinho que nem dava peixe e de rolar atoa em capim verde (ROSA, 2001 a, p. 101). Se divertiam imitando animais, o jeito de andar e vozes: cavalo, pato e sariema (ROSA, 2001 a, p. 129 e 130). E como quase toda criança Miguilim também tinha uma pequena coleção:

Os tentos de olho-de-boi e maria preta, a pedra de cristal preto, uma carretilha de cisterna, um besouro verde com chifres, outro grande, dourado, uma folha de mica tigrada, a garrafinha vazia, o couro de cobra-pinima, a caixinha de madeira de cedro, a tesourinha quebrada, os carretéis,





a caixa de papelão, os barbantes, o pedaço de chumbo e outras coisas (ROSA, 2001 a, p. 141-142).

A qualquer momento qualquer pessoa poderá se encontrar nessas preciosidades, sentimentos-objetos, tesouros de infância que Miguilim guardava e que se mostram como possibilidades simbólicas! Imagino a “garrafinha vazia” como o coração de muitos adultos, sem conteúdo afetivo para acolher a criança com sua curiosidade e inquietação diante do mundo. Imagino também que muitos adultos, mesmo andando por aí, já estejam como que enterrados numa “caixinha de madeira de cedro”, espécie de caixão. Mas também sinto que esses mesmos adultos ainda podem sair para a vida toda vez que se abrirem para a criança universal que neles habita e espera como potencialidade!

“Mãe, mas por que é que, então, para que é, que acontece tudo?” (ROSA, 2010, p. 154)

### CONSIDERAÇÕES PARA O FINAL...

Uma criança, como uma semente, espera o momento propício para germinar. É preciso recordar, colocá-la de novo no coração, cuidar dela e amá-la, pois, como lembra Bachelard (1996, p. 110), “É preciso embelezar para restituir”, uma vez que “só a criança permanente pode restituir-nos o mundo fabuloso” (BACHELARD, 1996, p. 113). Quem sabe essa criança, que “permanece em nós como um princípio de vida profunda” (BACHELARD, 1996, p. 119) possa ser iniciada numa roda de contação de estórias, capoeira, judô ou de congada para que a música da vida recomece uma nova dança, uma nova Pessoa.

Essa é uma das possibilidades que se

abre quando se trabalha com a perspectiva de uma educação de sensibilidade, expressão usada por Ferreira-Santos & Almeida (2012), ou seja, um modo possível de se compreender e agir no âmbito dos processos educativos, em que se combina razão e sensibilidade. Permite-se assim “o exercício da imaginação, da experimentação poética e valorização do imaginário para lidar com a alteridade sem mecanismos etnocêntricos” (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012, p. 69). Nessa possibilidade, a educação é um fim em si mesma, não se pensa em educação para o trabalho, para a cidadania ou outros complementos. Não. A educação é o ato de “trazer para fora a humanidade potencial que há nas pessoas” (idem). Mais adiante os autores sinalizam:

Portanto, essa educação de sensibilidade reafirma a constatação de que um processo educativo autêntico não pode prescindir do diálogo, da paixão e da liberdade, isto é, da autonomia da pessoa em realizar-se. A capacidade de decidir algo, de se posicionar no mundo e afrontá-lo somente se aprende em situações de decisão, de afrontamento, de tomada de consciência, no exercício de uma pedagogia da escolha (FERREIRA-SANTOS & ALMEIDA, 2012, p. 71).

Pressupõe entrar em contato com o mais dentro de si, alegrias, medos e angústias e, diante das dores, afrontar, tomar uma decisão, escolher outro caminho. Transmutar-se. Talvez essa a pista que se deixa com este texto: que cada leitor se pergunte sobre o que o faz sofrer e tome a decisão de fazer uma travessia. Que o professor perceba, por exemplo, que o que nele sofre, sofre igualmente na criança e que eles podem mudar essa situação. A leitura da estória de Miguilim pode contribuir para que os professores se sensibilizem e se encontrem com suas crianças sofridas. Quem sabe possam curá-la e



assim poderão ajudar a cuidar das outras crianças, os que estudam nas escolas deste sertão que é o Brasil.

Torneamento

Às vezes – o destino não se esquece –

as grades estão abertas,

as almas estão despertas:

às vezes,

quando quanda,

quando à hora,

quando os deuses,

de repente

– entes –

a gente

se encontra.

ROSA (2001c, p. 237).

## NOTAS:

- <sup>1</sup> Guimarães Rosa trata da criança em outras obras. São sempre crianças que sentem profundamente o mundo, sofrem, e são quase encantadas. Muito imaginativas, aliás, como são as crianças mesmo. Em *Primeiras Estórias* (2001c), os contos “As margens da alegria”, “A menina de lá”, “Pirlimpisquice”, “Partida do audaz navegante” e “Os cimós”. E em *Grande Sertão: veredas* (1986) narra o primeiro encontro de Riobaldo com o menino Reinaldo, quando têm por volta de 14 anos (p. 117 até 122).
- <sup>2</sup> “/ND. Ficar impaciente, aflito. // Deriv. De sofrer ou de insofrido.” (MARTINS, 2011, p. 275).
- <sup>3</sup> adj. magro, descarnado; tísico.
- <sup>4</sup> Mal-me-serve! Nulidade! Grandalhona! E ainda as expressões: “Vê se presta, pelo menos pra isso!”, “Você não sabe nada!”, “Cala a boca!”.
- <sup>5</sup> Temática tratada no filme “A fita branca”. Direção de Michael Hanéke. Drama. P/B, França, Itália, Áustria, Alemanha. 2009.
- <sup>6</sup> Sementes do nosso quintal. Direção Fernanda Heinz Figueiredo. São Paulo, Brasil. Documentário. Color, 118 minutos, 2012. Acesso ao trailer: <http://www.sementesdonossoquintal.com.br/> em 16/10/2012.
- <sup>7</sup> Miguilim deriva de Miguel, em forma diminutiva e afetiva. Miguel é nome de um arcanjo. Tem origem hebraica: Mikhael, de mi (aquele, quem), ka (como) e El (Deus). Significa “aquele que se parece (ou é) com Deus”. É tradicionalmente interpretado como uma pergunta retórica: “Quem é como Deus?”, para a qual se espera uma resposta negativa que implica que “ninguém” é como Deus. Assim, Miguel é reinterpretado como um símbolo de humildade perante Deus.
- <sup>8</sup> Cujos nomes são respectivamente Nhô Bero e Nhanina, poucas vezes nomeados por outras pessoas.
- <sup>9</sup> “Há 16 anos a educadora Renata Meirelles vem se aproximando da criança brasileira, registrando e divulgando seus mais genuínos saberes. Desde 2000, desenvolve diversos projetos com o documentarista David Reeks”. Acesso em 05/10/2012 <http://www.territorio-dobrinca.com.br/o-projeto/historico>.
- <sup>10</sup> Os dicionários grafam a palavra dançar com ç, porém Guimarães Rosa a escreve com ‘s’, dansar e seu derivados: dansava, dansador, etc. Segundo o dicionário Houaiss, esta palavra vem do francês danser (C1170), no fr. ant. ‘dancier’, idem, de origem controversa, ou do alemão antigo ‘dansón’: ‘tirar, puxar’. Há ainda quem a derive do latim “de antiare”, que, também de acordo com o Webster, se refere a “estar diante de”. Na Língua Portuguesa era escrita com “s” até a primeira reforma ortográfica do século XX, em 1944.
- <sup>11</sup> Uauá. (V. Luzlino). / Conjunto luminoso de vagalumes. (MARTINS, 2001, p. 511). Luzlino. ND. Linha de luz. O passo se refere a um bando de vagalumes, que passavam descrevendo linhas luminosas. (Idem, ibidem, p. 307).



## REFERÊNCIAS

**BACHELARD**, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

**CARVALHO**, Renata Meirelles Dias de. *Águas Infantis: um encontro com os brinquedos e brincadeiras da Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Orientadora Kátia Rúbio. São Paulo: 2007. 134 p.

**FERREIRA-SANTOS**, Marcos & **ALMEIDA**, Rogério de. *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo: Képos, 2012.

**LISBOA**, Henriqueta. *O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa*. In: COUTINHO, Afrânio (Org). *Guimarães Rosa*. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p 170-178.

**MARTINS**, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da USP, 2001.

**MONTENEGRO**, Braga. Guimarães Rosa, romancista. In: COUTINHO, Afrânio (Org). *Guimarães Rosa*. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 271-290.

**NUNES**, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Afrânio (Org). *Guimarães Rosa*. Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p. 144-169.

**PAGANI**, Thereza Soares (Therezita). *Tempos roubados*. In: PERDIGÃO, Andréa Bomfim. *Sobre o tempo*. São Paulo: Pulso, 2010. p. 47-56.

**ROSA**, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 26. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *No Urubuquaquá, no Pí-nhém*. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Primeiras estórias*. 15.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001c.

\_\_\_\_\_. *Corpo de Baile*. Volume 1. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

**WILLMS**, E. E. *Escrevivendo: uma fenomenologia Rosiana do brincar*. 2013. 354 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – FE-USP, São Paulo, 2013.

**RECEBIDO** em 18/02/2015

**APROVADO** em 12/04/2015